



FEMINISMO E MASCULINIDADE NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Elizangela Barbosa Cardoso*
Universidade Federal do Piauí – UFPI
elibcardoso@yahoo.com.br

RESUMO: Através do estudo da escrita de Higino Cunha, Clodoaldo Freitas e Corinto Andrade, o artigo aborda a avaliação destes bacharéis e intelectuais acerca do feminismo, entre o final do século XIX e o início do século XX, bem como as diferentes posições assumidas em relação às demandas feministas. Mostra que a elaboração de uma escrita que visava interferir no social, mediante a veiculação de ideais de feminilidade e de relações de gênero, foi uma das reações ao feminismo. Identifica o medo e o ódio despertados pelas reivindicações feministas e também a identificação masculina com o movimento. Argumenta que as diferentes reações masculinas ao feminismo expressam diferentes formas de experimentar a masculinidade no período em estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo – Papéis femininos – Masculinidade

ABSTRACT: Through the study of writing Higino Cunha, Clodoaldo Freitas and Corinto Andrade, the article discusses the evaluation of these graduates and intellectuals concerning feminism in the late nineteenth and early twentieth century, as well as the different positions taken in relation to the demands feminists. Shows that the development of a written aimed at interfering with the social, by serving the ideals of femininity and gender relations, was one of the reactions to feminism. Identifies the fear and hatred aroused by the feminist demands and also the masculine identification with the movement. Argues that the different masculine reactions to feminism express different forms of masculinity experience in the study period.

KEYWORDS: Feminism – Female roles – Masculinity

Quando o tio Paulino entrava em casa,
sempre tinha o que dizer para censurar as
manias da sobrinha que não perdia o
costume de adorar os livros. O menos que
dizia era assim: A Mariana tem razão, o
vício desta pobre menina foi um castigo!
Sempre detestei mulheres letradas, sempre
achei que os livros ficavam bem e tinham

* Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (2010). Atualmente é Professora Adjunto I da Universidade Federal do Piauí. Tem experiência na área de História, com ênfase em História e Gênero, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Feminina, Trabalho Feminino e Casamento.

graça, porém na mão dos homens.
Entretanto tudo me vem diferente! Não
tardará o dia em que esta criança caduca não
queira entrar também para a academia com
os irmãos e acabar doutora. O que eu não
quero é que digam que influi para esse triste
despenhadeiro em que ela vai, tenho feito de
tudo para dissuadi-la.¹

Paulino e Mariana não tiveram filhos. Criavam os sobrinhos Paulo, Jorge e Daluz. Os recursos familiares eram voltados para a educação dos meninos. Cedo foram encaminhados às melhores escolas de Olinda (PE). Quanto a Daluz, por compreenderem que exerceria no futuro o papel de mãe de família e de dona-de-casa, os tios consideravam que a aprendizagem das primeiras letras e dos trabalhos de agulha, em casa, era a formação necessária a essas funções.

Além de preterida no que tange à educação, Daluz, quando moça, foi obrigada a casar com Francisco, rapaz escolhido por seus tios. Ela achava “supliciante ter de viver ao lado de um ser que não amava”,² mas aceitou se casar para agradá-los. Fez um mau casamento. Francisco não foi bom marido, maltratou-a e humilhou ao longo de doze anos de matrimônio. Conquistador, o marido sofreu um acidente em certo *rendez-vous*, vindo a falecer, deixando-lhe de herança “desonra, desilusão e decepções até à hora da morte”.³

A piauiense Amélia de Freitas Bevilaqua ao contar a trajetória de Daluz, personagem central de seu romance **Através da vida**, publicado, no Rio de Janeiro, em 1906, dava visibilidade às hierarquias e desigualdades que norteavam a educação feminina, no momento de sua escrita. Desvelando as inúmeras barreiras e preconceitos que tolhiam Daluz e a impediram de concretizar seus sonhos de estudar, trabalhar e casar por amor, a autora destacava a desvalorização das meninas na família, ao tempo em que criticava a educação que lhes era dispensada, mostrando o quanto era danoso seu enclausuramento no lar. Ao abordar a infelicidade da casada, Amélia se contrapunha ao casamento imposto pela família e defendia que as moças tivessem direito a escolher o futuro cônjuge.

¹ BEVILAQUA, Amélia de Freitas. **Através da vida**. Rio de Janeiro: H. Guarnier, 1906, p. 27.

² Ibid., p. 65.

³ Ibid., 127.

Em contexto de ressignificação dos papéis de gênero, em face da industrialização e da urbanização, Amélia valorizava a educação e o trabalho produtivo como formas de emancipação e de inserção social, elaborando, assim, uma crítica às amarras que limitavam o acesso das mulheres a esses espaços, como também o exercício do direito de amar. Em 1906, a autora expressava demandas, que, ao lado do direito de voto, se tornariam pontos-chaves do feminismo organizado, no Brasil, nas décadas de 1920 e 1930.

As demandas feministas veiculadas nesse romance de Amélia não é um apanágio de sua escrita, uma vez que permeiam parte da escrita feminina no período. Entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, um conjunto de mulheres na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil problematizou hierarquias entre homens e mulheres mediante a escrita. Importa destacar que no final do século XIX, o feminismo era um movimento social e político internacionalizado.⁴

O feminismo se tornou um tema debatido nas principais cidades brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador, e também em cidades periféricas, a exemplo de Teresina (PI). Nesta cidade, entre o final do século XIX e o início do século XX, um conjunto de bacharéis, além de tomar conhecimento das posições feministas da piauiense Amélia Bevilacqua, através de seu romance **Através da vida**, publicado no Rio de Janeiro, em 1906, estava atento aos rumos do feminismo na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil. Higino Cunha,⁵ Clodoaldo Freitas⁶ e Corinto Andrade,⁷ dentre outros, refletiram acerca desse movimento, assumindo posições e justificando-as, através da veiculação de representações⁸ do feminino, do masculino e de suas relações.

⁴ KAPPELI, Anne-Marie. Cenas feministas. In: DUBY, Georges; PERROT, M. (Dir.). **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Porto: Afrontamento, 1994. p. 540-579. v. 4.

⁵ Higino Cícero da Cunha nasceu a 11 de janeiro de 1858, em São José das Cajazeiras, hoje, Timon (MA), falecendo em 16 de novembro de 1943, em Teresina. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Recife (1885), professor do Liceu Piauiense, da Escola Normal Oficial e da Faculdade de Direito do Piauí, jurista, magistrado e escritor. Ver GONÇALVES, Wilson Carvalho. **Dicionário enciclopédico piauiense ilustrado: 1549-2003**. Teresina: Halley, 2003, p. 143.

⁶ Clodoaldo Severo Conrado Freitas nasceu na cidade de Oeiras (PI), em 7 de setembro de 1855 e faleceu em 29 de junho de 1924, em Teresina. Bacharel em Direito pela Faculdade do Recife, magistrado, jornalista, político, poeta, ensaísta, romancista, cronista e historiador. Ver GONÇALVES, Wilson Carvalho. **Dicionário enciclopédico piauiense ilustrado: 1549-2003**. Teresina: Halley, 2003, p. 182.

⁷ Bacharel em Direito pela Faculdade do Recife e jornalista.

⁸ As representações, para Chartier, embora aspirem à universalidade, são forjadas nos grupos e condicionadas por seus interesses. As formas de conceber o mundo não são neutras, situando-se em um campo de força, onde disputam diferentes modos de classificação e delimitação. Enraizados, por

Pedro Vilarinho Castelo Branco, abordando a escrita de intelectuais atuantes entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, dentre os quais, Higino Cunha e Clodoaldo Freitas, argumenta, a partir de diálogo com Michel de Certeau, que as escritas desses intelectuais configuram uma prática escriturística através da qual buscaram redefinir as relações de gênero. Segundo o autor, em nome de um ideal civilizatório, considerando-se adequados às demandas da modernidade, que então despontava no Piauí, esses homens buscaram interferir no social, defendendo a mulher enquanto mãe, esposa e dona-de-casa e o homem, enquanto pai e provedor familiar.⁹

Problematizando as masculinidades, esses intelectuais elaboraram uma masculinidade delicada e autoritária, caracterizada pela valorização da cultura escrita, da disciplina, da civilidade, da paternidade e do amor. E, simultaneamente, depreciaram práticas masculinas associadas ao universo rural e patriarcal. Isso com o intuito de impor sua visão de sociedade, bem como de ocupar e legitimar espaços sociais e político-institucionais.¹⁰

Além da defesa de lugares sociais e político-institucionais, considero que a prática escriturística dos intelectuais abordada pelo autor e a respectiva defesa de modelos ideais de feminino, de masculino e de suas relações, é também fruto do medo e do ódio despertados pela emergência do feminismo. Sensíveis às transformações do mundo moderno e percebendo o feminismo como movimento novo, que ao reivindicar a completa emancipação feminina, punha em xeque as relações de gênero então estabelecidas, parte dos intelectuais estudados pelo autor, através da escrita se posiciona diante do gênero e de sua relação com a sociedade. Eles expressam o dever ser, diante de um futuro incerto, cujos desdobramentos ameaçavam transformar as identidades e os papéis de gênero que os constituía enquanto sujeitos.

sua vez, em posições e interesses, segundo pertencimentos sociais de classe, de geração, de adesão religiosa, de condições profissionais e de gênero, dentre outros marcadores sociais. Assim, estando em disputa a própria hierarquização da estrutura social, a realidade constrói-se, contraditoriamente, a partir das diversas e concorrentes concepções de mundo, que diferentes grupos tentam impor e legitimar. Ver CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1985; _____. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

⁹ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Famílias e escritas: a prática dos literatos e as relações familiares em Teresina nas primeiras décadas do século XX**. 2005. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

¹⁰ Id. **Masculinidades plurais: a construção das identidades de gênero em obras literárias**. **História Unisinos**, Rio Grande do Sul, v. 9, n.2, p. 85-95, 2005.

Assim, frente às possibilidades que o feminismo projetava para as mulheres e as relações homem/mulher, em diversos países do mundo, esses intelectuais, entre identificação e repulsa, significam o feminino e o masculino e atuam no processo de construção das diferenças e hierarquias de gênero, em Teresina.

Em 1899,¹¹ Higino Cunha publicou, no jornal **O Norte**, provavelmente, o primeiro texto que abordava o assunto. Somando-se assim a um conjunto de homens e mulheres que vinham discutindo o tema. Entre o final do século XIX e meados dos anos 1930,¹² o feminismo e as mulheres tornaram-se questões recorrentes e debatidas.

Acreditando no poder da escrita em interferir no social,¹³ em estudo sobre a educação feminina e o regime conjugal, o intelectual criticava a forma de educar as mulheres, denominada fantasista. Esta consistiria na aprendizagem de um pouco de línguas estrangeiras, de piano, de geometria e de desenho. E também no consumo do luxo, uma vez que as mães vestiriam suas filhas segundo a moda e as exibiriam nos bailes, nos teatros, nas festas públicas e particulares, onde não faltariam convites e seduções. Ao despertarem para o amor, essa educação se complementaria com a leitura de romances, que as remetia para um mundo de sonho e de promessas irrealizáveis. Isto em detrimento do ensino da realidade da vida e dos deveres conjugais, a respeito do quais os pais nada ensinariam. Considerando maléfica essa educação, que, pautada na fantasia, era considerada a responsável pela geração de graves conflitos conjugais, o autor defendia que a educação feminina preparasse a mulher para o casamento e para o exercício dos papéis de mãe, esposa e dona-de-casa.

É no âmbito da reflexão sobre a relação entre educação e regime conjugal que o autor aborda o feminismo. Em sua perspectiva, os costumes modernos estariam

¹¹ Segundo o autor, o estudo foi sugerido por ato “insólito” do tenente-coronel Manuel Feliciano dos Santos, comandante do 35º Batalhão, que aquartelado em Teresina, buscou perturbar os costumes domésticos e familiares. Cf. CUNHA, Higino. A educação feminina e o regime conjugal. **Revista da Academia Piauiense de Letras**, Teresina, ano 7, p. 37-52, 1924.

¹² Em 17 de junho de 1927, realizou-se no cinema Olímpia conferência literária acerca do tema “O valor da mulher e a mulher brasileira”, proferida por Agripino de Santana. Em 08 de dezembro de 1928, novamente, no cinema Olímpia, Astolfo Serra proferiu a palestra “A mulher”. Ver NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **Cronologia do Piauí republicano 1889-1930**. Teresina: Fundação CEPRO, 1988. p. 281-289.

¹³ QUEIROZ, Teresinha. **Os literatos e a República**: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 1998; CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Famílias e escritas: a prática dos literatos e as relações familiares em Teresina nas primeiras décadas do século XX. 2005. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005; _____. Masculinidades plurais: a construção das identidades de gênero em obras literárias. **História Unisinos**, Rio Grande do Sul, v. 9, n. 2, p. 85-95, 2005.

indispondo a mulher contra os deveres domésticos, da mesma forma que o feminismo seria, então, a reação à subordinação das mulheres no regime conjugal. Em seus termos,

A nossa época é essencialmente crítica. A malsinada ‘anarquia mental’ tudo pôs em discussão, até o próprio Deus. [...] O casamento não escapou à tormenta demolidora. Na Inglaterra, na Rússia, na Escandinávia, na Alemanha, na França e no Japão, tem preocupado todos os órgãos de propaganda: magazines, jornais, revistas, conferências, sermões, teatros o têm discutido como um dos magnos problemas sociais. Lady H. Somerst, Mr. Flower insurgiram-se, em artigos vibrantes, contra a maternidade obrigatória e contra o abuso do casamento. Grant Allen, no romance **The woman who did**, o conde Tolstoi, na sua admirável **Sonata de Kreutzer**, o teatro de Suderman, de Hauptman, de Ibsen, Bjorsen e Stindberg revelam o fermento da fascinadora contenda que se alastra por todos os países civilizados. Um dos graves resultados desta memorável campanha é o desenvolvimento do **feminismo**, uma palavra nova que significa uma coisa também nova – a luta pela completa emancipação da mulher, a guerra aos preconceitos, às materialidades e às chatezas do regime conjugal.¹⁴ [Destques do autor]

Em seguida, acrescentava:

O feminismo, cujo desenvolvimento extremo culmina em a pretensão extravagante, não só de uma igualdade de direitos como até da igualdade no traje, não passa de um movimento de reação contra a velha intuição judaico-cristã (oriental), que a Igreja Católica confirmou numa doutrina absoluta e terrível: o matrimônio é o um sacramento indissolúvel, em que a mulher vive perpetuamente sujeita e inferior, rainha e súdita, senhora e escrava ao mesmo tempo.¹⁵

Diferentes eram as formas de avaliar o perigo que o feminismo representava e as posições em relação ao movimento. Discordando de uma visão corrente – a de que o feminismo levaria as mulheres a renegar os papéis familiares e o regime conjugal –, Higino Cunha avaliava que, se não chegasse a promover a igualdade plena entre homens e mulheres, o movimento não lograria a desagregação da família. Em sua avaliação, a igualdade de gênero era um limite que não deveria ser transposto. Tratava-se de uma idéia altamente subversiva. A igualdade significaria o fim das diferenças entre homens e mulheres. Alcançando-a as mulheres deixariam de exercer os papéis familiares, bem como executar o trabalho doméstico que possibilitava a reprodução social.

Ao se contrapor à igualdade plena, o autor estava inscrevendo, no campo da linguagem, ansiedades e medos então despertados nos homens pelas demandas

¹⁴ CUNHA, Higino. A educação feminina e o regime conjugal. **Revista da Academia Piauiense de Letras**, Teresina, ano 7, p. 43-44, maio 1924.

¹⁵ *Ibid.*, p. 47.

feministas. E não se tratava de uma forma de sentir típica de um intelectual, na pequena e provinciana Teresina, nem tampouco específica do crepúsculo do século XIX. Sua escrita punha em cena sensações e sentimentos que vinham invadindo homens e mesmo mulheres no mundo ocidental, desde a emergência do feminismo.¹⁶ É bastante revelador o fato de Bertha Lutz, líder do feminismo organizado no Brasil, em maio de 1923, ter, quando participava do 9º Congresso Internacional pelo Sufrágio, em Roma, em ação tática em prol da consecução dos objetivos perseguidos pelo movimento, conforme argumenta Rachel Soihet, sugerido que as expressões “igualdade dos sexos” e “direitos da mulher”, fossem substituídas por “equivalência dos sexos” e “novas responsabilidades da mulher”. E, em seguida, acrescentar que “a participação da mulher não implicava competição e, sim, em colaboração”.¹⁷

Bertha Lutz, extremamente sensível às possibilidades de seu tempo, sugeria expressões que pudessem acalmar o desconforto existencial que as demandas por igualdade desencadeavam até mesmo naqueles homens e mulheres que se identificavam com o feminismo. Sua postura reformista e contemporizadora, certamente, favorecia o diálogo com aqueles e aquelas que, desde o final do século XIX, consideravam salutar a ampliação das formas de inserção social feminina, mas que repudiavam a ideia de igualdade, como era o caso de Higino Cunha.

Para o intelectual, a incorporação de novas práticas que elevassem a posição social feminina era uma condição para “o progresso universal”.¹⁸ Revidando percepção difusa pelo conhecimento científico de que as mulheres eram naturalmente inferiores¹⁹ aos homens em termos intelectuais, Higino Cunha defendia a necessidade de romper com o preconceito que considerava o cérebro feminino atrofiado. Em sua avaliação, era fundamental que a mulher fosse educada conforme os preceitos da ciência, instruída nos laboratórios de química e de física, pois sua formação deveria ter por base princípios racionais e científicos.

¹⁶ GAY, Peter. **A experiência burguesa**: da rainha Vitória a Freud: o cultivo do ódio. São Paulo: Cia. das Letras, 1988-1995. p. 292-370.

¹⁷ SOIHET, Rachel. **O feminismo tático de Bertha Lutz**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2006, p. 39.

¹⁸ CUNHA, Higino. A educação feminina e o regime conjugal. **Revista da Academia Piauiense de Letras**, Teresina, ano 7, p. 45, 1924.

¹⁹ SOIHET, Rachel. **Condição feminina e formas de violência**: mulheres pobres e ordem urbana 1890-1920. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989. p. 81-137; MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do feminino**: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004. p. 217-262.

Em sua visão, a instrução e o desenvolvimento intelectual feminino não punham em risco o exercício das funções de mãe, esposa e dona-de-casa. O que, na verdade, ameaçava essas funções, era a chamada educação fantasista, conforme havia descrito.

Quanto ao regime conjugal, o seu ideal era o de que a mulher fosse companheira do homem, exercendo poder e influência a partir da condição de mãe, esposa e dona-de-casa. A posição de Higino Cunha era reformista. Defendia maior inserção social feminina na esfera pública, mediante educação, reconhecimento e valorização no regime conjugal, a partir dos papéis familiares. O intelectual não significava o feminino para além dos papéis de mãe, esposa e dona-de-casa. A mulher, como se fosse “naturalmente” mãe, era uma representação que conformava seu pensamento. Admitia, contudo, que alguns preconceitos que norteavam a vida feminina deveriam ser questionados, assumindo, assim, posição de crítico da cultura. Em sua perspectiva, o programa feminista era em parte realizável. A emancipação feminina deveria acontecer dentro de certos limites, mantendo-se diferenças entre homens e mulheres, no que diz respeito às aparências e aos papéis sociais.

A diferença e a divisão sexual do trabalho enquanto elementos fundamentais ao ordenamento social constituíam limites que sua reflexão não rompeu. O ideal de relações de gênero que defendia era o da complementaridade de papéis e funções. Era defensor da instituição de esferas de atuação significadas a partir do gênero – ao homem o espaço público; à mulher, o privado. Contudo, essas esferas não deveriam ser isoladas, a expectativa era a de que houvesse comunicação. Para Higino, as mulheres deveriam ser formadoras das novas gerações e, para isso, era fundamental a aquisição de saberes modernos, racionais e científicos, cuja aprendizagem ocorreria na esfera pública. Higino inscrevia o ideal da mãe educadora e desvelava preconceitos que limitavam a educação feminina. Ao mesmo tempo, expressava o desejo de uma dona-de-casa profissional.

Apresentando perspectiva inovadora, no final do século XIX, Higino Cunha manteve-se fiel às suas idéias acerca do feminismo. Em meados dos anos 1920, diante da avaliação dos desdobramentos do movimento após a Primeira Guerra Mundial, publicou, na **Revista da Academia Piauiense de Letras**, o estudo A educação feminina e o regime conjugal, por considerá-lo válido para aquele contexto.²⁰

²⁰ CUNHA, Higino. A educação feminina e o regime conjugal. **Revista da Academia Piauiense de Letras**, Teresina, ano 7, p. 37-52, 1924.

Nesse período, Higino dispunha de outro universo de interlocução, uma vez que as mulheres, em Teresina, haviam entrado no debate acerca dos limites e das possibilidades de emancipação feminina. Algumas mulheres que estavam ingressando na imprensa e na Escola Normal Oficial, em funcionamento desde 1910, começavam a se posicionar.

Em 1902, circulou pela cidade, avaliação alarmada acerca do avanço das mulheres, o que demonstra a sensação de instabilidade, de incerteza e de medo, despertados pelo feminismo nos homens que o percebia como desagregador da sociedade.

Estamos sobre um vulcão
Um perigo espantoso nos ameaça
Nem Pompéia quando rugia o Vesúvio sobre suas cúpulas
multicoloridas, nem Roma quando avançava sobre ela o exército de
Átila, viram-se mais ameaçadas de uma tremenda catástrofe do que
nós outros, os débeis homens, nos atuais momentos históricos.
O feminismo avança, avança implacável; a mulher tudo invade [...]
As mulheres são hoje médicas, advogadas, engenheiras,
farmacêuticas, veterinárias [...].²¹

Tratava-se de texto traduzido de jornal chileno, publicado pelo **Jornal do Comércio**, no Rio de Janeiro, reproduzido no jornal **O Piauí**, em Teresina. O medo e a ansiedade que a demanda das mulheres por direitos civis e políticos causaram ao cronista anônimo eram sentimentos experienciados também por alguns homens em Teresina. Esse foi o caso de Clodoaldo Freitas. Em *O Feminismo*, crônica publicada em 1911, no livro **Em roda dos fatos**, o intelectual diante das transformações na vida feminina, que despontavam mundo afora e nas grandes cidades brasileiras, expunha seu ponto de vista em relação ao feminismo e inscrevia seu desejo acerca do lugar das mulheres. Eis a forma como o intelectual caracteriza o momento de sua escrita:

Estamos em um tempo em que a mulher entra conosco, resolutamente, na grande peleja pela vida e conosco se enxovalha na poeira das estradas, no foro, nas artes, nos hospitais, no comércio e até na política, já não falando nas igrejas, que são seu elemento predileto. A mulher só tem, hoje, vergonha de ser mãe, ou, pelo menos, a maternidade é a coisa que menos a preocupa, desde que pode alugar amas de leite e amas secas.²²

²¹ O REINADO das mulheres. **O Piauí**, Teresina, ano 12, n. 628, 23 mar. 1902.

²² FREITAS, Clodoaldo. *O Feminismo*. In: _____. **Em roda dos fatos**. 2. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996, p. 71.

Desconhecendo o rumo que a “civilização moderna” estava tomando, em face de transformações que considerava ameaçadoras, Clodoaldo Freitas buscava intervir na dinâmica histórica, na tentativa de controlar um futuro incerto, ressaltando que o lugar da mulher era o lar e que os papéis a desempenhar seriam, essencialmente, os de mãe, esposa e dona-de-casa.

A industrialização colocava em discussão o trabalho da mulher²³ e o feminismo, incorporando o trabalho produtivo como um valor, o percebia como fonte de emancipação feminina. As demandas por igualdades de condições de acesso ao mercado de trabalho e à educação, contudo, eram significadas por muitos homens como sinônimas de desestabilização do social. As críticas feministas à maternidade obrigatória e o desejo de ocupar os espaços masculinos eram interpretados como recusa feminina ao exercício de papéis que, milenarmente, asseguravam a estabilidade social e também apropriação pelas mulheres dos papéis dos homens.

A representação da mulher-mãe era então operada pelo intelectual com o intuito de limitar os espaços de atuação feminina à esfera privada e aos papéis familiares. Ela era empregada na tentativa de manter o lugar e a proeminência dos homens, na sociedade, que, Clodoaldo julgava em perigo. Esse uso revela o potencial desestabilizador das demandas feministas na subjetividade de homens que, como Clodoaldo Freitas, haviam constituído seus territórios existenciais, incorporando a distinção dos papéis de gênero, enquanto elemento fundante de sua masculinidade.

A representação da mulher-mãe é também indicativa da incerteza que o afligia, acerca da possibilidade de dominar as mulheres. Subvertendo a ordem através de gestos, de falas que desvelavam o falo, e também de atos, elas lhe pareciam incontrolláveis e extremamente poderosas. Se exercer a dominação sobre as mulheres era importante para assegurar a sua condição de homem, a força e o poder que lhes atribuía, plantavam a insegurança, a dúvida e a incerteza, revelando a fragilidade de sua condição masculina. Ao expressar seus sentimentos, Clodoaldo indica uma reação que não era apenas individual, uma vez que diz respeito a uma experiência compartilhada por grande parte dos homens, no momento em que escrevia. Sob o avanço feminista, muitos homens se sentiam débeis e frágeis, na iminência de serem solapados por mulheres percebidas como viris.

²³ PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 109.

O desejo de dominação, que se traduzia na tentativa de limitar o feminino aos papéis familiares, através da representação da mulher como “naturalmente” mãe, era uma reação à ampliação da esfera de socialização feminina que começava a se delinear no período e, à respectiva configuração de uma esfera pública feminina.

Para o autor, a mulher deveria ser educada para mãe de família, aprendendo somente aquilo que fosse fundamental para alcançar esse objetivo. E, caso a educação pudesse criar meios para que as mulheres abandonassem o lar, era preferível a mãe não alfabetizada. A mulher somente deveria adquirir o saber indispensável, para dirigir-se e viver. Em seus termos:

Quero que a mulher estude e aprenda sem pretensões a doutora, sem a vaidade alarmante de querer sair do círculo suave da família, onde deve imperar. Nada de mulheres eleitoras e guerreiras, políticas e santas.²⁴

Clodoaldo Freitas considerava que estava havendo uma inversão dos papéis, que, por sua vez, estaria desencadeando uma inversão dos costumes, pois a mulher moderna estaria se masculinizando, e o homem se tornando feminino. E isto seria a ruína da família. Significando essa dinâmica como ameaça, o intelectual atribui à natureza, as diferenças produzidas culturalmente. Desse modo, buscava manter uma ordem que julga em risco.

Assim como Higino Cunha, Clodoaldo defendia que os papéis de homens e de mulheres fossem complementares. Homens e mulheres eram pensados, a partir das diferenças, em detrimento das semelhanças. Para ele, homens e mulheres deveriam se situar em lugares opostos. A “natureza preparou a mulher para o lar”, conformando-a para a maternidade, argumentava Clodoaldo.

As representações de gênero que o intelectual veiculava, portanto, objetivavam instituir diferenças e hierarquias entre homens e mulheres. Propunha diferentes formas de socialização, de educação e trabalho. Se a socialização e a educação masculinas deveriam formar o cidadão responsável e apto a atuar no mundo moderno, na esfera produtiva; no caso das mulheres, deveriam conformá-la à condição de cidadã passiva, circunscrita ao universo da casa, no desempenho do trabalho reprodutivo.

Clodoaldo Freitas, ao representar a mulher como “naturalmente” mãe, a valorizava a partir desse papel, mas negava a demanda pela mão-de-obra feminina e sua

²⁴ FREITAS, Clodoaldo. O Feminismo. In: _____. **Em roda dos fatos**. 2. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996, p. 72.

respectiva inserção na esfera produtiva, reservando-a para o homem. Sua forma de pensar as relações de gênero legitimava empecilhos à igualdade de condições de acesso à educação e ao trabalho.

Clodoaldo Freitas percebia o feminismo de forma distinta de Higino Cunha. Enquanto para Higino parte dos ideais feministas era desejável e sua concretização confluiria para o progresso social, Clodoaldo o considerava um movimento ameaçador, que questionava a ordem “natural” dos papéis e das funções de gênero. Se Higino se identificava em parte com demandas feministas, Clodoaldo repugnava o feminismo e o criticava ferrenhamente. Considerando nefastos os rumos da civilização, o autor era enfático:

Contra esse desastre da família, contra a imolação da mulher, que deserta do lar, é que eu protesto. Se a civilização é isto, se os nossos costumes, para nos darem foros de sábios, devem ser, assim, alterados, prefiro que nos isolemos como a China e vivamos na santidade cristã dos nossos antepassados, tolos, mas honrados, no lar feliz, junto da esposa analfabeta, mas pura, rodeado da prole nédia. Salvemos a família, embora se arruine essa falsa civilização paganzada e imoral.²⁵

Ainda que, em Teresina, entre o final do século XIX e o início do século XX, não houvesse manifestações feministas explícitas, as mudanças em curso no mundo ocidental e a percepção das demandas por educação, por trabalho e cidadania política enquanto ameaças à ordem social, despertavam protestos antifeministas como o de Clodoaldo Freitas, cujas ideias expressavam o posicionamento de uma parcela da sociedade.

Era também situando a diferença sexual no campo da natureza e na defesa do ideal de equivalência entre os gêneros, que Higino Cunha se posicionava diante das possibilidades vislumbradas, a partir do crepúsculo do século XIX. Higino considerava fundamental à manutenção da ordem social, a monogamia e o regime conjugal, segundo sua avaliação, questionados pelo feminismo. Para preservá-los, seria necessário que a mulher exercesse as funções de mãe, esposa e dona-de-casa, a partir de formação baseada em princípios científicos. Para o autor, a mulher deveria deter saber acerca da economia doméstica, da pedagogia e da estética. Ademais, o regime conjugal não deveria ser regido pela tirania masculina, mas por uma tutela, suavizada pelo amor. A esse respeito, acentua o autor em 1905:

²⁵ FREITAS, Clodoaldo. O Feminismo. In: _____. **Em roda dos fatos**. 2. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996, p.73.

[...] não compreendo situação mais digna do belo sexo do que o interior doméstico, sob as velhas e venerandas relações de esposa, mãe e filha, no regime legal da monogamia. Não a quero deusa ideal para encanto dos poetas, nem rainha dos salões para os galãs alambicados. Quero porém, dona-de-casa, governado-a soberanamente, resolvendo praticamente os problemas econômicos, estéticos e pedagógicos, que são da sua competência inexcedível; quero-a amorosa para com o homem, seu natural protetor, extremosa e diligente para com os filhos, cujo futuro depende da educação familiar, obediente e meiga para com os pais, de quem são o consolo e a esperança mais fagueira.

Fora desta situação tudo o mais é anormal e lamentável, dentro desse sistema tudo se consignará em nome do amor, da civilização e de uma liberdade bem entendida.

A malfadada tirania do homem transformar-se-á em uma tutela suave, imposta pela própria natureza que estabeleceu diferenças profundas entre os dois sexos, não para se repelirem, mas para se atraírem e complementarem.²⁶

Ora, se Higino Cunha compreende que a melhor condição para a mulher é aquela vivenciada no lar doméstico, sob a tutela do homem amado, em que sentido o autor é favorável ao feminismo? Na incorporação e defesa da educação feminina e na valorização da mulher a partir dos papéis tradicionais.

Com relação ao segundo aspecto importa destacar que, além do feminismo, cuja demanda principal era a igualdade de direitos políticos e sociais, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, também atuou o feminismo maternalista. Preocupadas com o bem-estar das mães e partindo do pressuposto de que a maternidade não era uma questão individual, mas condição que unificava as mulheres, feministas passaram a reivindicar os direitos das mães. Muitas consideravam que a maternidade pertencia ao campo do trabalho, inscrevendo-a como uma função social. Partindo dessa noção, as feministas lutavam por cidadania e questionavam a divisão entre trabalho remunerado e não remunerado.²⁷

Feministas maternalistas se apropriavam das ideias iluministas que sustentaram a noção de “direitos naturais dos homens” e excluíram as mulheres dos direitos de cidadania, para instituir a maternidade como “contributo único para a sociedade”.²⁸A

²⁶ CUNHA, Higino. O criticismo: no álbum de uma senhorita. **O Tempo**, Teresina, n. 23, p. 1, 27 jul. 1905.

²⁷ BOCK, Gisela. Pobreza feminina, maternidade e direitos das mães na ascensão dos Estados-providência (1890-1950). In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (Dir.). **História das mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamento, 1995. p. 440-453. v. 5.

²⁸ Ibid., p. 451-452.

noção de “natureza feminina” era retomada como o fundamento a partir do qual descreviam as responsabilidades e defendiam direitos das mulheres.

A noção de “natureza feminina” norteava tanto o pensamento de feministas quanto o de antifeministas. A referência à “natureza feminina” era fundamento do pensamento de homens e mulheres que buscavam limitar o feminino à maternidade, o caso de Clodoaldo Freitas, quanto daquelas e daqueles cujo objetivo era instituir direitos e/ou ampliar as formas de socialização e ingresso das mulheres no estudo e no trabalho.

Nas primeiras décadas do século XX, as demandas feministas davam ênfase tanto à igualdade, quanto à diferença. O caráter paradoxal do agir feminista característico do feminismo ocidental, que, simultaneamente reforça e questiona a diferença sexual, na luta pela inclusão feminina nos direitos de cidadania, se manifestava, no contexto.²⁹ A demanda pelos direitos das mulheres se pautava na busca da igualdade de gênero, sustentada na ideia de que a diferença sexual não deveria ser a base de direitos e, paradoxalmente, também, na insistência da diferença, ao instituir a maternidade como fonte de direitos.

Inserido nesse contexto e atento às questões em debate no seu tempo, Higinio Cunha apropriou-se dessas ideias, ao tecer seu posicionamento que, contraditoriamente, era favorável à ampliação das possibilidades de socialização feminina e à manutenção da supremacia masculina.

Valorizando as mulheres enquanto mães, esposas e donas-de-casa, Higinio questionava preconceitos que limitavam a educação feminina, que, por sua vez, era uma das demandas do feminismo, que primava pela igualdade dos direitos entre homens e mulheres, na educação, no trabalho e na política.

Posição mais radical foi apresentada pelo jornalista e intelectual Corinto Andrade, no estudo *Em redor do feminismo*, publicado na revista **Litericultura**, em 1913. O intelectual criticava a explicação de esferas específicas para homem e mulher, a partir da constituição biológica e, situando a diferença sexual no âmbito da cultura, argumentava que as diferenças físicas e intelectuais atribuídas ao campo da natureza eram produzidas socialmente.

Identificando-se com o feminismo, Corinto Andrade procurou compreender esse movimento em perspectiva histórica, enfatizado que a tendência da época era de

²⁹ SCOTT, Joan. **A cidadã paradoxal**: as feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002.

emancipação, diante da qual não projetava um futuro catastrófico, ao contrário, considerava o feminismo uma conquista social. Partindo de um fato que considerava “uma das mais sublimes conquistas da evolução social” – o recebimento do grau de doutora em medicina por Nadeschda Suslowa, na Universidade de Zurich –, Corinto argumentava que as teses de inferioridade física e intelectual feminina não se sustentavam. Acerca das diferenças físicas, assim se expressava:

Sendo o trabalho uma lei biológica, e achando-se dividido em duas esferas, – uma interna, que trata dos misteres do lar, – outra externa, que trata propriamente do **ganha pão** – comércio, lavoura, etc, um fato puramente social incumbiu a mulher do desempenho dos primeiros e o homem do desempenho dos segundos. Essa separação operou-se desde o início das populações, e explica-se pela correlação existente entre os trabalhos domésticos e a constituição feminina. A sua inferioridade física é, incontestavelmente, evidente, mas, ao mesmo tempo explicável, pelo fato exclusivo d’aquela mesma separação. Como se sabe, e Novicow brilhantemente o explica, ‘em virtude das leis biológicas, a função pode criar o órgão, mas, da falta de uso, pode resultar o enfraquecimento de um órgão existente’. ‘Pelo fato da mulher abandonar as ocupações violentas, o seu tipo fisiológico modificou-se um pouco – tornou-se mais fraca, porém mais graciosa do que o homem’. [...]

Tivesse, porém, à mulher cabido, ombro a ombro com o homem, o desempenho dos misteres externos, e ela seria tão forte como ele, fazendo calçadas ou britando pedras, serrando toros ou trabalhando em máquinas, malhando ferro ou chefiando empresas. Essa pseudo inferioridade, oriunda exclusivamente de causas sociais, acentua-se (além do abandono dos trabalhos violentos) pela falta de educação física – exercícios, ginástica, natação, etc, que antecipam o desenvolvimento do corpo ao mesmo tempo que lhe dão resistência, vigor e agilidade.³⁰ [Destaques do autor]

O autor difundia, no início do século, em meio às disputas pela hierarquização do social e das relações de gênero, leitura presente no pensamento iluminista, mas ofuscada pelo predomínio da diferença. Ele retomava modo de perceber os gêneros semelhante àquela elaborada pelo filósofo Helvétius, na obra **Do Espírito (1758)**, na qual argumentava que nada é dado ao homem por natureza. Para o filósofo, à exceção da condição de ser sensível, tudo o mais é adquirido. Para o filósofo, na origem, os seres humanos seriam iguais, independentes das diferenças entre os povos e os sexos. Com efeito, as desigualdades entre homens e mulheres não decorreriam da natureza, mas de fatos sociais e políticos. Para Helvétius, segundo Crampe-Casnabet,

³⁰ ANDRADE, Corinto. Em redor do feminismo. **Litericultura**, Teresina, ano 2, fasc. 4, p. 223, 30 abr. 1913.

A igualdade dos cérebros dos homens e das mulheres deve implicar a igualdade da educação dos dois sexos [...] nada do que um homem pode aprender se deve manter interdito às mulheres.³¹

Corinto compreendendo que, para o desempenho intelectual, era de fundamental importância a liberdade dos movimentos, criticava fato comum em Teresina, no momento em que escreve – o enclausuramento das meninas no lar, entre a alcova, a sala de visitas, a sala do jantar e a sala da escola – isto porque as meninas eram privadas da liberdade de movimento, respirando em uma “atmosfera asfíxiante de preconceitos”. E, assim, eram impedidas de maiores voos intelectuais. Para ele, o enclausuramento feminino no lar era uma convenção deletéria que a mulher americana já havia logrado se desvencilhar.³²

A crítica da cultura efetivada por Corinto Andrade extrapolava os costumes, ao destacar o fato de o conhecimento científico incorporar preconceitos e prescrever a inferioridade feminina. Em seus termos:

Se o convencionalismo, os preconceitos, dominaram e dominam ainda as nossas instituições, exerceram também o seu poder no campo da ciência, estabelecendo uma falsa posição de inferioridade para a mulher, na arena da atividade humana. Baseados em estudos fisiológicos, nos quais preponderam os postulados científicos ou as verdades hipotéticas sobre a irrefragabilidade da experiência, insistiram os escritores e uma grande parte insiste ainda, em afirmar que a esfera da atividade feminina não é a mesma esfera da atividade masculina, em virtude da própria organização de um e de outro sexo. E, deste modo, prescreveram a inferioridade física e mental da mulher.³³

Historicizando o feminismo, o autor mostrava que o surgimento do movimento era fruto dos desdobramentos da Revolução Francesa. Em sua avaliação, a Revolução fora a grande responsável pela “escravidão da mulher”, pois esquecendo a ação feminina a favor da derrocada do absolutismo, declarou os direitos do homem em detrimento dos direitos da mulher. A esse respeito acentuava:

De nada serviu a energia por ela empregada – se viu ruir por terra os escombros de uma Bastilha, viu arquitetar-se outra, do mesmo modo opressora, no solo da legislação, qual é essa que viola impunemente a

³¹ CRAMPE-CASNABET, Michèle. A mulher no pensamento filosófico do século XVIII. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (Dir.). **História das mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamento, 1994, p. 397. v. 3.

³² ANDRADE, Corinto. Em redor do feminismo. **Litericultura**, Teresina, ano 2, fasc. 4, p. 223, 30 abr. 1913.

³³ Ibid.

totalidade de seus direitos. A vaga dessa opressão, porém, motivou o ciclone da reação, e os sociólogos e emancipadores, ao lado das inúmeras mulheres que tornaram centro para a defesa dos seus direitos, iniciaram a luminosa campanha em que ainda hoje se digladiam, vendo aurorescer, dia a dia, aquela liberdade por que se batem.³⁴

Corinto Andrade, ao se posicionar diante do debate desencadeado pelo feminismo, percebia as mulheres como parte do gênero humano, não considerando a diferença sexual como fator importante no que tange à aquisição de direitos. Em sua perspectiva, a diferença de papéis sociais femininos e masculinos não era basilar à sociedade e sim fruto de relações sociais nas quais a inferioridade feminina havia se estabelecido. Não se tratava de um dado da natureza, mas de uma situação configurada historicamente, que a tendência emancipacionista contemporânea prometia ultrapassar em prol de relações igualitárias. O que causava horror a Clodoaldo Freitas e receio a Higino Cunho – a igualdade de gênero – na leitura de Corinto Andrade era a tendência de seu tempo, com a qual se identificava.

As ideias defendidas por Corinto permitem perceber que, nas primeiras décadas do século XX, a masculinidade se conformava de forma plural, uma vez que alguns homens eram capazes de projetar um mundo em condições de igualdade, sem considerar que suas identidades e lugares sociais estavam ameaçados pelas demandas feministas. Elas mostram também que, nesse período, se desencadeava um debate acerca das transformações em marcha na vida feminina, em que se delineavam diferentes posições a respeito da diferença sexual, ora considerada um dado natural, ora uma criação decorrente das relações sociais e políticas. Isso permite pensar a cultura do período como uma cultura no plural, no sentido atribuído por Michel de Certeau, de combate, de confronto.³⁵

³⁴ ANDRADE, Corinto. Em redor do feminismo. *Litericultura*, Teresina, ano 2, fasc. 4, p. 223, 30 abr. 1913.

³⁵ CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. 4. ed. Campinas: Papyrus, 2005.